

O ESTADO DA LINGÜÍSTICA SEGUNDO O FUNCIONALISMO

Rafael Eugenio HOYOS-ANDRADE *

RESUMO: *A atitude negativa de pessoas esclarecidas perante certas abordagens das línguas naturais, e a proliferação de teorias lingüísticas não são necessariamente sinais de "crise" generalizada no estudo científico da linguagem humana. O presente trabalho fornece argumentos para demonstrar que o funcionalismo ou "lingüística das línguas" não está, nem esteve nunca em "crise". A visão que o funcionalismo tem do estado atual da lingüística é, portanto, uma visão otimista e promissora.*

UNITERMOS: *Estado da lingüística; "crise" da lingüística; visão funcionalista da lingüística; "lingüística das línguas"; gerativismo; neologismos lingüísticos, confusão de níveis.*

INTRODUÇÃO

São certamente esclarecedoras, para o assunto que nos ocupa, as seguintes afirmações de André Martinet, em carta de 15/02/83 endereçada ao autor deste ensaio:

"En matière de grammaire, chacun estime être plus malin que les autres. Et, surtout, le public cultivé a été absolument dégoûté par le générativisme et réagit négativement à toute linguistique. Il faut être patient"***.

O contexto em que se inserem estas afirmativas é o da acolhida que as Gramáticas Funcionais do francês vêm recebendo por parte do público estudioso: trata-se de uma acolhida cautelosa que se explica, não só pelo fato de existirem diferentes enfoques gramaticais (cada um de cujos autores se considera "mais sabido do que os outros"), mas especialmente pelo efeito negativo que o gerativismo tem deixado

entre as pessoas cultas: elas rejeitam, em geral, as abordagens lingüísticas dos fatos da língua, aborrecidas pelas insistentes incursões do gerativismo ao longo dos últimos 25 anos.

Devemos perguntar-nos qual é a razão dessa atitude negativa de que fala Martinet. Noutras palavras, por que o gerativismo tem produzido essa reação contraproducente? Poderíamos estender-nos sobre este assunto elaborando uma lista de motivos pelos quais achamos que tenham sido tais os efeitos do gerativismo a longo prazo. Não se trata, porém, aqui de criticar o gerativismo sistematicamente, pois o assunto, embora ligado intimamente ao mal-estar criado pelo gerativismo, é mostrar como os funcionalistas vêem a situação atual da lingüística, situação frequentemente qualificada de crítica. Convém, não obstante, antes de darmos a nossa visão positiva do assunto em pauta, resumir rapidamente as razões desse esta-

* Departamento de Lingüística - Instituto de Letras, História e Psicologia - UNESP - 19.800 - Assis - S P.

** "Em se tratando de gramática, cada um pensa ser mais sabido do que os outros. E, sobretudo, o público culto tem ficado completamente desgostoso por causa do gerativismo e reage negativamente a qualquer lingüística. É preciso ser paciente".

do de insatisfação produzido pelo gerativismo entre o público culto, não só da França, mas de muitas outras partes do mundo. Reduzem-se a três os termos que nos permitem sintetizar as causas dessa reação: “arbitrariedade”, “formulismo”, “imperialismo”. O público culto não aceita facilmente imposições arbitrárias baseadas em *apriorismos* indemonstráveis (como o “Language Acquisition Device” e a “Deep Structure”, entre outras) e apresentadas como soluções científicas objetivas, graças a um impressionante, porém abusivo, emprego de fórmulas quase-matemáticas. Pior ainda, essas soluções teriam o caráter de “únicas” (daí o “imperialismo”) até o ponto de se excluir completamente da “lingüística” quanto não levar o selo do gerativismo. Essa exclusão deu-se inclusive aqui no nosso Brasil: rejeitavam-se, em certos ambientes marcadamente gerativistas, comunicações e trabalhos que não seguissem a inspiração chomskyana. O próprio Mattoso Câmara chegou a ser vítima dessa injusta marginalização, segundo testemunho de pessoas que viram com pesar como, nos últimos anos do grande mestre, seus cursos de lingüística eram pouco frequentados pelo fato de não se dar neles cabida à nova doutrina “revolucionária”...

Os funcionalistas foram obrigados também, durante alguns anos, ao ascetismo da espera. Uma espera paciente e proveitosa, porque lhes permitiu consolidar as próprias posições graças a uma profunda revisão, estimulada pelos embates vindos da nova corrente, apresentada como opção exclusiva. Mas isto já pertence, felizmente, à história. Hoje o funcionalismo em geral, não só o funcionalismo de inspiração martinetiana, está em pleno vigor e na primeira página da atualidade: funcionalismos como o de M.A.K. Halliday (Inglaterra), o de Simon C. Dik (Holanda), o da Tagmêmica ou do Estratificacionalismo norte-americanos e vários outros mais (10), apresentam-se no uni-

verso da lingüística cheios de dinamismo e entusiasmo.

1. Com efeito, quando se fala de “crise” da lingüística é necessário distinguir claramente dois lados do problema. De um lado está o aspecto aparentemente confuso dos estudos da linguagem em sua globalidade, devido à multiplicação de teorias, escolas e modelos; multiplicação esta que para quem está de fora, para quem não é lingüista, dá a impressão de crise, confusão e desordem; de outro lado está o aspecto relativamente sereno (que não é difícil de descobrir) de determinadas escolas onde, apesar da confusão reinante em volta delas (real ou aparente), continua-se a pesquisar com calma, com segurança e com a convicção de que essa aparente confusão não é nada mais do que uma fase, uma espécie de crise de “adolescência” que o próprio tempo encarregar-se-á de superar. Já se percebem claros sinais de que Martinet falava profeticamente quando, em pleno auge do gerativismo, atreveu-se a prever que, depois de passada a tempestade, a noção de função iria ser a base de consenso entre as diferentes escolas (5, p.3).

Não negamos, porém, que tenha havido e ainda haja “lingüistas em crise”. A avalanche de teorias e contrateorias afetou, sem dúvida, muitos jovens lingüistas que, sem ainda possuírem uma fundamentação sólida em lingüística geral e sem ainda terem optado seriamente em favor de uma ou outra teoria lingüística, preferiram deixar de lado aquele aparente “maremagnum da linguagem”, para abordar assuntos menos trilhados e menos agitados pelo fluxo de correntes contraditórias. Tal é o caso, na nossa opinião, dos estudiosos da lingüística que aqui no nosso Brasil — para não ir muito longe — dedicam-se agora com entusiasmo (e muitas vezes com sucesso) à semiótica, à pragmática e inclusive a análises conotativas (que pouco ou nada têm a ver com a verdadeira lingüística) de dife-

rentes tipos de “discurso” (discurso político, discurso eclesiástico, discurso jurídico, etc).

2. A verdadeira lingüística, a “lingüística das línguas”, cujo objeto não é outro do que “determinar de que modo as pessoas conseguem comunicar-se lingüisticamente” (7, p.114), não está nem nunca esteve em “crise”. Jamais os funcionalistas se sentiram tão abalados pelas “descobertas” e afirmações dos novos gramáticos (*New Grammarians*, em termos de Ian Robinson, (8)) até o ponto de declararem-se em estado de convulsão e aporia. As incursões gerativistas, justificáveis, em grande parte, no ambiente positivista norte-americano em que nasceram, não atingiram as sólidas bases de uma lingüística amadurecida, segura de si mesma e convencida da sua validade, a lingüística funcionalista, herdeira confessa das contribuições *definitivas* de Saussure e Trubetzkoy no terreno da lingüística geral e da fonologia geral. Não faltará quem ache estranho nós falarmos de *contribuições definitivas* numa época em que o mais refinado relativismo impera em todos os campos do conhecimento e do comportamento humanos. Repetimos, porém, conscientes da gravidade e do alcance de nossas afirmações, que a “lingüística das línguas” nos oferece hoje uma série de contribuições de natureza indutivo-dedutiva (porque baseadas na *observação* e na *lógica*) que devem ser consideradas *definitivas*. A lingüística não é uma ciência de natureza puramente hipotética porque seu objeto, a linguagem, é a *manifestação de um comportamento social humano*; a linguagem não é simplesmente um comportamento, mas a *manifestação concreta, observável* e, em certo modo, *mensurável* de um dos aspectos (talvez o mais importante) da comunicação humana, sem que, porém (e aí está a sua grande riqueza e complexidade), se limite a ser um simples processo de comunicação humana. A linguagem é funda-

mentalmente um “instrumento de comunicação”, mas não se reduz a isso. Portanto, repetimos que o que é observável e manifesto não constitui o objeto de uma ciência hipotética. Não que não se possam e devam formular hipóteses a respeito de diferentes aspectos da linguagem, mas não se pode basear tudo em hipóteses de valor *relativo*. A *concretitude* da linguagem dá margem a afirmações incontestáveis de natureza *absoluta e definitiva*.

3. Podemos aduzir agora razões positivas para provar que a “lingüística das línguas” não está (nem nunca esteve) em “crise”.

3.1. Uma das freqüentes razões das “crises”, em qualquer área do conhecimento, costuma ser a indefinição crônica dos objetivos e métodos da disciplina em causa. Não é esse, porém, o caso da Lingüística (pelo menos daquela que nós cultivamos): consideramos que, pelo menos desde Saussure, a Lingüística obteve *status* de ciência suficientemente bem definida, embora subsistissem (e subsistam ainda hoje) discussões em torno do objeto formal dessa ciência. A ciência da linguagem passou a ser, como todos sabem, “a ciência-piloto das ciências humanas”. A relativa indefinição que afeta o objeto dessa ciência liga-se ao fato de a linguagem humana ser um sistema de signos “mal definido” (“ill-defined”), como nos diz Paul Garvin (4, p. 86). Note-se que o “mal definido” é o *sistema* de signos que constitui a linguagem e não propriamente a ciência que estuda essa linguagem. Trata-se de um sistema “mal definido” porque não é redutível a um simples *código*. Os verdadeiros códigos são sistemas de signos bem definidos, com unidades em número finito e para as quais existe uma relação determinada e reversível entre significantes e significados. As línguas humanas possuem, por sua vez, unidades em número indeterminado (caso dos lexemas ou monemas lexicais, cujo número, embora aparentemente

fixo para um determinado falante e num determinado momento, é virtualmente indefinido e aberto: “non tot quin plura”*) e as relações que nelas se estabelecem entre significantes e significados constituem um *leque de possibilidades* que só se atualizam nos diferentes contextos em que essas unidades venham a ser empregadas.

O fato, porém, de a linguagem ser complexa, dinâmica, imprevisível, não faz com que a Lingüística seja uma ciência mal definida. Assim como não diríamos que a ciência do comportamento humano, isto é, a psicologia, é uma ciência indefinida e vaga pelo fato de o comportamento dos seres humanos ser tremendamente complexo, imprevisível e muitas vezes indefinível.

3.2. O objeto, portanto, da Lingüística (da nossa Lingüística), não é a “*langue*” saussureana, tão inadequadamente oposta à “*parole*”, como bem o demonstrou Eugenio Coseriu no seu magistral e definitivo artigo “*Sistema, Norma y Habla*” (1, p. 11-113). O objeto da lingüística é a *comunicabilidade pertinente* da linguagem humana: tudo aquilo que, de uma ou outra forma, permite a um falante comunicar alguma experiência ou algum elemento da experiência ao seu interlocutor. A pertinência lingüística (que é uma *pertinência comunicativa*) constitui-se, assim, em critério fundamental da epistemologia lingüística. Só será pertinente e, portanto, objeto da Lingüística, o elemento de linguagem que desempenhe uma função comunicativa. O que no uso da linguagem nada comunica carece de função lingüística e não é, por si mesmo nem em si mesmo, objeto do nosso estudo. Esse ponto de vista, que se identifica com o funcionalismo martinetiano e explica cabalmente o nome do nosso modelo, é, no nosso entender, outra contribuição defini-

tiva para a ciência da linguagem entendida como “Lingüística das línguas”.

3.3. A falta de princípios metodológicos adequados ao objeto de uma ciência pode também levar essa pretensa ciência a um estado de “crise”. Uma ciência pode ter sido bem definida e, inclusive, seu objeto formal bem delimitado; se, porém, faltarem os instrumentos metodológicos para abordar esse objeto, a ciência em questão ver-se-á facilmente condenada a situações de crise e confusão. Quais os princípios metodológicos que norteiam os estudos de Lingüística funcional? Mencionemos alguns deles:

- A ciência lingüística tem como fim precípua a descrição do modo como as línguas permitem ao falante real comunicar as suas experiências.
- Essa descrição supõe um ponto de referência fundamental, já mencionado antes, a saber, a *pertinência comunicativa*. A pertinência lingüística constitui o ponto de vista teórico que dá coerência à Lingüística funcional, conferindo-lhe o *status* de ciência que está ausente das pesquisas ateóricas, isto é, daquelas que carecem de uma teoria, ou seja, de uma “maneira de ver as coisas”, de um ponto de partida lógico unificador.
- Esse ponto de referência tem seu campo de aplicação nas línguas humanas definidas, após cuidadosa *observação*, como “instrumentos de comunicação social, de natureza oral e duplamente articulado”. Esta definição de língua não é uma hipótese de trabalho, é uma constatação baseada nesse “need to test linguistic hypotheses across a wide range of languages”.** A observação dos dados lingüísticos não é contrária ao desenvolvimento de uma teoria lin-

* “Nem tantas (unidades) que não possa haver maior número (delas)”.

** “a necessidade de testar as hipóteses lingüísticas num amplo leque de línguas”. (Tomado do folheto informativo sobre o novo periódico *Natural Language & Linguistic Theory* da D. Reidel Publishing Company, cujo primeiro volume estava anunciado para janeiro/fevereiro de 1983).

güística (entendida agora como “explicação racional do funcionamento das línguas”): “increasing attention to an ever-widening language data base has had a positive effect on linguistic theory development: linguistic hypotheses have become more realistically formulated, and claims about their universality now warrant serious attention”.*

- A “lingüística das línguas” nunca cometeu o erro, hoje lamentado por outras escolas (como pode facilmente adivinhar-se a partir do texto citado), de lançar-se a trabalhar com hipóteses que carecessem de sólido fundamento na realidade das línguas naturais. Daí as constantes e até contraditórias mudanças que vêm acontecendo em famosos modeos lingüísticos contemporâneos: a falta de respeito aos dados só podia levá-los a situações de crise desnecessárias e evitáveis. Achamos, por isso, muito sábia a intenção expressa pelos editores da nova revista mencionada antes:

“It is the purpose of *Natural Language and Linguistic Theory* to provide a forum for detailed and lively discussion of theoretical research

that pays close attention to natural language data, so as to provide a channel of communication between researchers of diverse points of view” (ibidem).**

Que mais podemos desejar, como cultores da “lingüística das línguas” do que, finalmente, se dê cuidadosa atenção aos dados das línguas naturais? O funcionalismo nunca ousou abandonar esse insubstituível respeito à realidade das línguas.

3.4. Motivo muito freqüente de confusão e conseqüente “crise” é o abuso de *neologismos* nas escolas de lingüística. Muitas vezes não se trata de palavras novas, mas de palavras velhas usadas com novos sentidos (7, p. 115-125). Neste último caso a situação é, talvez, pior pelas inúmeras ambigüidades que se produzem necessariamente. É o que aconteceu em modelos de todos conhecidos que pretenderam dar conteúdos, às vezes inesperados, a palavras corriqueiras da língua... (“Gerar,” “explicar”, “criar”... não eram o que todo mundo esperava e pensava. A “superfície” não era bem a superfície e os “casos” não eram propriamente casos).

* “a crescente atenção para aumentar cada vez mais as bases (de pesquisa) fundamentadas em dados lingüísticos teve um efeito positivo no desenvolvimento da teoria lingüística: as hipóteses lingüísticas chegaram a ser mais realisticamente formuladas, e as pretensões sobre a sua universalidade justificam agora uma séria atenção” (ibidem).

** “É a intenção da *Natural Language and Linguistic Theory* fornecer um fórum para uma discussão viva e detalhada sobre pesquisas teóricas que prestem cuidadosa atenção aos dados das línguas naturais, de modo a fornecer um canal de comunicação entre os pesquisadores de diferentes pontos de vista”.

Achamos, no entanto, que a “lingüística das línguas” procurou sempre evitar esses riscos, o que, obviamente, a levou a ser colocada, algumas vezes na lista das lingüísticas “superficiais” e “ingênuas” por parte dos audaciosos *New Grammarians*, pródigos em “descobertas” e terminologias. Não tivemos, portanto, a crise terminológica da qual ainda não se viu livre, por exemplo, a glossemática, condenada, na nossa opinião, a um triste desconhecimento devido, em grande parte, à fecundidade terminológica de Hjelmslev.*

3.5 Outra fonte de possível “crise” é a de confundir, inclusive metodologicamente, os diferentes níveis da descrição lingüística, concretamente *fonologia* com *morfologia*, numa pretensa *morfologia* rejeitada desde há muito tempo, com razões lúcidas, pelo próprio Martinet (ver *Elementos de Lingüística Geral*, por exemplo), ou *semântica* com *sintaxe* numa pretensa “estrutura profunda” de natureza sintático-semântica, como os famosos casos de Fillmore, ou como as próprias regras sintáticas (“regras de subcategorização”) de Chomsky em que, por exemplo, “animado” vs. “inanimado” figuram inexplicavelmente como traços sintáticos. As lingüísticas psicológicas ou lógico-matemáticas vivem um confusão muito grande nessa área e parece que a tendência seria a de separar cada dia menos esses dois aspectos da descrição das línguas. A “lingüística das línguas”, sem negar a complexidade do problema, devida à íntima relação exis-

tente entre funções sintáticas e valores axiológicos, distingue, teórica e metodologicamente, as duas abordagens, fornecendo definições precisas de cada uma delas e estabelecendo os pontos de confluência; os chamados monemas *autônomos*, por exemplo, são unidades significativas em que a semântica substitui, em certo sentido à sintaxe, já que as relações desses elementos com o resto do enunciado carecem de marcas propriamente sintáticas (*posição, funcionais*). Esses casos, porém, são relativamente marginais nas línguas. A sintaxe está intimamente ligada à linearidade “superficial” do discurso e não a pretensas estruturas profundas e universais de natureza mais semântica do que relacional. A “lingüística das línguas” pretende explicar essa *linearidade* tal como ela é, e não as fórmulas que estariam por trás e que mediante transformações *inverificáveis* produziriam o discurso linear final.

3.6 O marasmo de uma doutrina sem futuro pode, às vezes, gerar “crises” insustentáveis. Não é também o caso do funcionalismo que é, como bem diz Denise François, um “modelo em construção” (3, p.31). Temos ainda muito caminho que andar, não só no que se refere à descrição funcionalista das diferentes línguas do mundo, mas no aperfeiçoamento e desenvolvimento do modelo em termos de *lingüística geral*: o estudo das relações entre sintaxe e axiologia (por exemplo, quais as interdependências que existem entre *funções e valores*); o aprofundamento da

* Os neologismos mais famosos introduzidos por Martinet são: o de *sintema* que designa uma unidade intermediária entre *monema* e *sintagma* (combinação de monemas). (O termo *monema* não é original de Martinet; deve-se a Henri Frei (7, p.27)). O neologismo *sintema* reserva-se para os complexos de monemas que funcionam como se fossem unidades indivisíveis. Outro termo característico do funcionalismo é o de *predicatóide* que, como a etimologia o indica, refere-se aos elementos que tem forma de predicado, mas que dentro do enunciado em causa dependem do verdadeiro predicado, aquele que constitui o núcleo, centro ou elemento independente, e que correspondem a predicados de orações subordinadas na Gramática dita Tradicional. Um terceiro neologismo martinetiano é o de AXIOLOGIA para designar o estudo dos significados lingüísticos. O termo semântica, ciência dos significados, é, obviamente mais genérico. Outros termos como *autônomo, atualizador, apresentador, modalidade* são especificações de termos já existentes e que, na nossa opinião, não têm o risco de gerar ambigüidades, dado o seu conteúdo conforme fundamentalmente com a etimologia; talvez o mais discutível seja o de *modalidade*, pelo fato de não se referir exclusivamente aos *modos* verbais. *Modalidades* são morfemas (= monemas gramaticais) que contribuem para precisar o valor semântico de nomes (*modalidades nominais*: plural, possessivos, demonstrativos, definidos...) e de verbos (*modalidades verbais*: as que indicam tempo, modo, aspecto, voz...). Outros termos como *regido, sílema* não ganharam aceitação universal dentro do funcionalismo e, nesse sentido, não poderiam constituir um problema generalizado.

axiologia e o estabelecimento de uma *lexicologia funcional*; a delimitação dos campos da axiologia e da semântica; as relações entre a “lingüística das línguas” e ciências afins, como a psico-lingüística, a sócio-lingüística, a pragmática e, inclusive, a semiologia, focalizando essas relações sob o ponto de vista da pertinência funcional...

É um universo de pesquisa aberto ao nosso estusiasmo. Trata-se de um universo *real*, porque as estruturas da linguagem, embora não se identifiquem com a realidade “nua e crua”, não se reduzem também a uma pura construção do espírito (7, p. 59-68). Um ponto de vista comum nos guia, aquele já várias vezes citado neste breve ensaio, o da pertinência comunicativa: ele unifica os nossos estudos e justifica o nome dado ao nosso modelo.

CONCLUSÃO

A visão, portanto, que a linguística funcional tem do estado da lingüística hoje é uma visão otimista. Sinais multiplicam-se, por toda parte, de uma aceitação, que às vezes é apresentada como descoberta “original” (10, p.104), dos princípios funcionalistas da pertinência comunicativa e fidelidade aos dados. Trata-se de um retorno, de uma superação, de uma síntese (conseqüente a uma tese e a sua correspondente antítese), de uma revolução no sentido kuhniano (2)? Em realidade não nos interessa muito

sabê-lo. O que conta é a conquista de um espaço no universo da LINGÜÍSTICA dentro do qual o funcionalismo ou “lingüística das línguas” possa efetivamente operar, sem ser teimosamente marginalizado por modelos rivais que se autodefinem como superiores e até como exclusivos. É freqüente encontrar artigos ou ensaios e, inclusive livros, em que se simplificam ingenuamente as tendências lingüísticas contemporâneas reduzindo-as a três (p.e estruturalistas, transformacionistas e semântico-gerativistas (2), ou tradicionalistas, estruturalistas e gerativistas (9). O funcionalismo de inspiração martiniana não pode enquadrar-se em nenhum dos três grupos mencionados e não se diga que é menos importante do que qualquer um deles. A tagmêmica, o estratificacionalismo, o funcionalismo de Halliday ou o de Simon Dik também não se enquadram nesses esquemas e não é sério atribuir-lhes menor importância...

Não pretendemos ser os detentores da verdade lingüística, nem desejamos um pensamento lingüístico unificado que seria pernicioso para o desenvolvimento científico. Acreditamos, porém, na adequação do funcionalismo como teoria lingüística, na coerência e objetividade de seus métodos e na validade de suas análises para *explicar* (no sentido de “oferecer argumentos razoáveis e objetivos”) o funcionamento das línguas naturais como veículo por excelência da comunicação social entre os seres humanos.

HOYOS-ANDRADE, R.E. - The state of linguistic according to functionalism. *Alfa*, São Paulo, 27:1-8, 1983.

ABSTRACT: Cultured people's rejection of linguistics and the proliferation of linguistic theories are not necessarily signs of a generalized "crisis" in the scientific approach of language. This paper offers evidences that functionalism is not and never was in a state of "crisis". The view of functionalism of today's linguistics is therefore an optimistic and promising one.

KEY-WORDS: The state of linguistics; the "crisis" of linguistics; functionalism's view of linguistics; "linguistics of languages"; generativism; neologisms; confusion of levels.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COSERIU, E. — Sistema, norma y habla. In: *Teoria del lenguaje y linguística general*. Madrid, Gredos, 1962. p.11-113.
2. DASCAL, M. — As convulsões metodológicas da lingüística contemporânea. In: *Concepções gerais da teoria lingüística*. São Paulo, Global, 1978. p. 15-43.
3. FRANÇOIS, D. — De l'autonomie fonctionnelle. *La Linguistique*, 11:31-42, 1970.
4. GARVIN, P. — The structural properties of language. *Revista de Letras*, 18:81-100, 1976.
5. MARTINET, A. — *A functional view of language*. 2. ed. Oxford, Clarendon Press, 1965.
6. MARTINET, A. — *Elementos de linguística geral*. Trad. de Jorge Morais Barbosa. Lisboa, Sá da Costa Ed., 1964.
7. MARTINET, A. — *Estudios de sintaxis funcional*. Madrid, Gredos, 1978.
8. ROBINSON, I. — *The new grammarian's funeral. A critique of Noam Chomsky's linguistic*. Cambridge, University Press, 1975.
9. ROULET, E. — *Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas*. São Paulo, Pioneira, 1978.
10. SAINT-JACQUES, B. — Les tendances fonctionnelles des théories syntaxiques post-transformationnelles. *La linguistique*, 17:103-111, 1981.